

Descartes e os Países Baixos*

Jean Galard**

Resumo: O que teria fascinado Descartes no modo de vida dos holandeses ? Assim como Hegel se interrogou sobre o sentido da 'simplicidade' da pintura do século XVII, Descartes parece ter encontrado na simplicidade do cotidiano dos holandeses um triunfo da liberdade e uma vitória das leis simples que regem o universo, uma pura mecânica que anuncia a prosa do mundo e caracteriza os tempos modernos.

Palavras-chave: Descartes – Holanda – pintura holandesa

Os motivos que levaram Descartes a residir nos Países Baixos variaram, necessariamente, ao longo de tantos anos. O jovem que chega a Breda para alistar-se no exército de Maurício de Nassau não tem as mesmas necessidades do homem de ciência que, dez anos mais tarde, vem buscar em Franeker ou em Amsterdam um lugar propício a seus trabalhos. Em 1618, é a vontade de viajar que o leva a tomar o caminho já trilhado por muitos outros cavalheiros franceses. Vontade de viajar... Contentemo-nos, por enquanto, com essa idéia, que encobre tantas diversas pulsões. Será, porém, necessário perguntar-se por que Descartes continuou, até sua morte, a levar uma existência itinerante; por que ele mudava incansavelmente de residên-

* Tradução de Raquel Prado.

** Professor do Departamento de Filosofia da USP de 1969 a 1972, adido cultural do Governo francês em diversos países, inclusive na Holanda, onde foi diretor da Maison Descartes de Amsterdã, e diretor cultural do Museu do Louvre.

cia no interior mesmo dos Países Baixos. Ele também, à sua maneira, é um “homem de solas ao vento”. Se quiséssemos imaginar a figura mais antitética que se possa opor a Arthur Rimbaud, talvez pensássemos primeiro em Descartes. Suas biografias, no entanto, apresentam um elemento em comum. Em 1876, Rimbaud vem, por sua vez, alistar-se no Exército holandês, sem outro objetivo a não ser o de “viajar” (no seu caso, seu alistamento o levará até Java). Ele tinha então a mesma idade que Descartes ao chegar em Breda: 22 anos. Um acaso também quis que embarcasse num vapor que levava o nome de *Prins van Oranje*. É possível, aliás, perguntar-se se Descartes não teria embarcado, um dia, em Franeker, numa “viagem” bem mais perigosa. Ao projeto do poeta perseguindo “um longo, imenso e refletido *desregramento de todos os sentidos*”⁽¹⁾, responde a provação do filósofo empreendendo, sob a ficção do gênio maligno, não apenas o desregramento de todas as sensações, mas também um desregramento de todo pensamento, até a hipótese da loucura e até esse ato do *Cogito*, que “vale mesmo eu estando louco e mesmo que meu pensamento seja louco do começo ao fim” (Derrida 2, p. 85). Enquanto isso, o Descartes errante de 1618 vai encontrar onde fixar-se. Ainda não num país, já que não permanecerá muito mais de um ano em Breda. Mas numa orientação do espírito: na aplicação da matemática à física. É Isaac Beeckman o inspirador dos estudos que vão entretê-lo por muito tempo: “Apenas vós, na verdade, me despertastes de minha ociosidade”⁽²⁾. A lembrança que Descartes guardará desse encontro, tão decisivo para ele, explica, sem dúvida, em grande parte, a escolha que fará dos Países Baixos em 1628, quando buscará um lugar onde se estabelecer para edificar sua obra: esse país é aquele em que conheceu a amizade, o entusiasmo das primeiras descobertas, a revelação de sua vocação.

Se a amizade de Beeckman desempenhou um papel importante na volta de Descartes aos Países Baixos, não foi ela, certamente, que conseguiu fixá-lo. Suas desavenças começam já em 1629. Reconciliam-se em 1631 (jantam juntos em Amsterdam em outubro), mas a partir de então seus contatos permanecerão descontínuos. E Beeckman morre em 1637. Aliás, é bem difícil imaginar Descartes retido em algum lugar por uma ligação pessoal. É verdade que em uma de suas cartas a Elisabeth dá a entender que estaria dis-

posto, pela mera vizinhança de sua amiga, a prolongar sua estada nos Países Baixos. Isso acontece em 1647, no momento em que Revius o ataca em Leyde, em que Triglandius o acusa de blasfêmia. Descartes prepara-se para partir em direção a Paris. “Ainda que eu possa encontrar oportunidades que me levem a permanecer na França, quando lá estiver, não haverá, no entanto, nenhuma que tenha a força de impedir-me de voltar antes do inverno, contanto que a vida e a saúde não me faltem, já que a carta que tive a honra de receber de Vossa Alteza me faz esperar que voltará a Haia pelo fim do verão. Mas posso dizer-lhe que esse é o principal motivo que me faz preferir a permanência neste país a qualquer outro”⁽³⁾. De acordo com esse indício e alguns outros, G. Cohen desenvolveu a hipótese de um “amor intelectual” unindo Descartes e a princesa palatina. Nas declarações do filósofo, contudo, é preciso descontar a linguagem da época. E, de qualquer forma, esse amor, destinado a uma expressão puramente epistolar, não poderia ter nascido antes de 1643, quando Descartes já se acostumara a residir nos Países Baixos. Sua amizade por Beeckman acaba muito cedo, e sua afeição por Elisabeth começa muito tarde para explicar seu apego a esse país.

Afastemos também a explicação, muito freqüentemente dada, segundo a qual os Países Baixos teriam representado para Descartes um refúgio contra a intolerância religiosa que reinava na França. Seu projeto intelectual nunca teve nada de irreligioso. Pelo contrário, quando se retira para os Países Baixos em 1628, o objetivo que partilha com espíritos como Mersenne e Berulle é fazer a ciência servir, “tanto quanto a filosofia, a combater o ateísmo, pois que a teologia já não dá conta dessa tarefa” (Adam 1, p. 91). Mais do que isso, a religião que nunca deixa de invocar é o catolicismo. Sempre escolhe, para residência, lugares em que se pratica essa confissão. Afinal, por mais tolerantes que fossem os Países Baixos, teria sido, nesse aspecto, mais cômodo viver na França.

A liberdade de edição que ele podia encontrar em Leyde ou em Amsterdam tampouco constitui, como já vimos, um motivo determinante de sua estada. Ele abstém-se de publicar seu *Tratado do mundo* nos Países Baixos, assim como teria evitado fazê-lo na França. Confia seu *Discurso do método* a Jean Maire, embora considerasse mandá-lo editar na França, só

porque ele se encontra ali, em Leyde, para supervisionar a impressão das pranchas gravadas. Os *Princípios da filosofia* são publicados em 1644 por Louis Elzevier em latim; mas nada impede sua publicação, um pouco mais tarde, em 1647, em francês, em Paris. O tratado das *Paixões da alma* será comercializado em Amsterdam, editado por Louis Elzevier, e simultaneamente em Paris, por Henry Le Gras. A publicação nos Países Baixos de obras francesas só vai ampliar-se “depois de 1680, com o recrudescimento do anticalvinismo na França e o aumento dos escritos não-conformistas” (Zumthor 6, p. 245). Só então as obras francesas serão impressas na Holanda por não poderem sê-lo na França.

Ou seja, não foi para poder publicar seus livros que Descartes teve de morar nos Países Baixos. Mas como, por outros motivos, escolheu essa residência, parece-lhe cômodo publicar ali mesmo os seus livros. Quais seriam, então, esses motivos?

A liberdade é o que preza acima de tudo. Escrevendo para Guez de Balzac, em 5 de maio de 1631, louva as vantagens de um retiro em Amsterdam, de preferência “a todas as mais belas residências da França e da Itália”, principalmente pelo seguinte motivo: “Em que outro país pode-se gozar de uma liberdade tão completa?” Se não diz respeito nem à questão religiosa nem às possibilidades de edição, a qual liberdade se está referindo? Descartes, na verdade, nunca viveu muito tempo em Amsterdam, como em nenhum outro lugar. Na própria cidade de Amsterdam, sabe-se de três de suas moradias sucessivas. Muda-se constantemente. Deixa aquelas que lhe pareciam mais convenientes (o pequeno castelo de Endegeest, por exemplo). Sempre se desloca, se afasta. Afastou-se primeiro de seu país natal. Depois, continua mudando de lugar, afastando-se, distanciando-se. A liberdade cartesiana é o *não pertencer*. Para repensar o mundo, é preciso desprender-se das imediações, romper com os arredores familiares, afastar-se sempre de tudo e de todos. A consciência do *Cogito*, essa invenção do sujeito que faz de Descartes, segundo Hegel, “o primeiro pensador moderno”, exigia esse deslocamento incessante, esse desgarrar-se de toda comunidade fixa. Assim, não teve nada além de “conhecidos”, quando muito algumas amizades, mas não maiores afeições. O gosto pelo retiro não é vontade de

solidão: Descartes é sociável, desejoso de conversação, mas não quer pertencer a ninguém, a nenhum lugar, a nenhuma célula social. Aprecia que seus amigos vivam a certa distância; prefere a correspondência epistolar à coexistência íntima. Muda-se logo que seus vizinhos sintam-se autorizados a invadir sua privacidade. Helena pagará pela sua aversão a qualquer compromisso. Portanto, se os Países Baixos lhe convêm, é primeiramente por essa razão negativa: evita assim a estada na França, onde os laços sociais seriam mais constrangedores. Não se trata, evidentemente, de substituir uma nova pátria à antiga. O essencial está em ser estrangeiro, e permanecer assim, onde quer que esteja. Quase que se poderia dizer: francês nos Países Baixos, holandês na França. “Mantendo-me como estou, um pé em um país e outro em outro, considero privilegiada minha condição pela liberdade que contém”⁽⁴⁾.

Diante dessa liberdade de um sujeito radicalmente estrangeiro, o mundo se oferece como um quadro. Deixando de apresentar ocasiões de desejo, de ação e de participação, constitui-se como um espetáculo. Descartes percorre o mundo “tratando de ser mais espectador do que ator”. Ainda mais espectador, ou seja, exterior, na medida em que compreende mal a língua. Em Breda, dizia que estudava holandês. Mas nunca foi além dos rudimentos da língua. Só conhecemos dele, nesta língua, uma única carta (em mais de quinhentas que foram encontradas), escrita de Egmond-op-den-hoef em 18 de julho de 1643 a seu relojoeiro de Amsterdam, e que ele termina assim: “Excuseert mij dat ick sô quæt Duytsch schrijve”⁽⁵⁾. E, em 21 de fevereiro de 1648, escrevendo em francês aos magistrados de Utrecht, encaminha sua carta com uma tradução holandesa, na qual acrescenta, no fim da página e do próprio punho: “Mandei traduzir esse escrito em flamengo, mas, quanto a essa língua, que compreendo muito pouco, peço àqueles que vão lê-lo que considerem, sobretudo, o francês, pelo qual unicamente posso responsabilizar-me” (Descartes 3, Vol. VIII, Segunda Parte, p. 275). Um dia em que voltava da Holanda, Paul Valéry tentou imaginar a visão de Amsterdam que Descartes poderia ter tido, isolado e atento, ausente e presente em meio a holandeses atarefados: “Não sei se entendia sua linguagem. Espero que não. O que pode haver de mais favorável ao pensativo recolhimen-

to, à delimitação bem nítida de um mundo externo exatamente acabado e separado do outro, o que mais isolante do que a ignorância das convenções que reinam e coordenam o espetáculo da vida a nosso redor? No ofício de filósofo, é essencial não entender. É preciso que caiam de algum astro, que se tornem eternos estrangeiros [...] Mas não possuir a chave, não estar a par das regras, dos sinais, das correspondências, não poder adivinhar o sentido do que se vê, não seria isso reduzir o que se vê ao que se vê, à *figura e ao movimento*? Nada mais cartesiano, penso” (Valéry 5).

Qualquer outro país estrangeiro, aparentemente, poderia do mesmo modo proporcionar a Descartes tal sentimento de exterioridade. Por que prefere os Países Baixos? Sabemos, por sua carta a Guez de Balzac em 5 de maio de 1631, um dos motivos pelos quais se sente à vontade em Amsterdam: o recolhimento interior diante do espetáculo do mundo é facilitado pela indiferença pelo outro que caracteriza a sociedade mercantil. Não percebendo, ele mesmo, as pessoas que não o interessam, converte-as, por sua vez, em elementos de um cenário: “Nessa grande cidade em que estou, onde não há homem algum, exceto eu, que não exerça o comércio, cada um está tão atento a seu lucro, que poderia ficar por ali a vida inteira sem nunca ser visto por ninguém. Vou passear todos os dias em meio à confusão da multidão com tanta liberdade e tranqüilidade quanto poderia fazer em vossas alamedas, e não considero os homens que aqui vejo de maneira diferente daquela que veria as árvores em vossas florestas e os animais que ali pastam. Nem mesmo o barulho de toda aquela confusão já consegue interromper meus devaneios mais do que o faria o ruído de algum riacho”. O modo de vida então característico de Amsterdam favorece particularmente essa atitude cartesiana: tornar-se estrangeiro ao mundo como diante de um quadro. Podemos ainda imaginar o efeito de estranhamento que o cosmopolitismo de uma grande capital devia reforçar quando os mercadores turcos e armênios, com seus trajes típicos, misturavam-se à multidão holandesa.

Beirando todos os dias uma cidade que lhe é estrangeira e homens cujas preocupações não compartilha, Descartes concebe o mundo como uma grande mecânica. À interpretação dos fenômenos segundo os fins que os justificam, substitui uma explicação segundo as causas que os produzem. Essa

concepção mecanicista não se limita aos objetos de natureza inanimada, mas estende-se ao corpo vivo. Ele explica a Burman que “Deus fabricou nosso corpo como uma máquina e quis que funcionasse como um instrumento universal”. Mesmo nossas paixões explicam-se de acordo com um encadeamento de causas e efeitos: “Espero publicar nesse verão um pequeno tratado das paixões em que se verá de que maneira, em minha opinião, todos os movimentos que acompanham nossas paixões são produzidos em nós, não por nossa alma, mas pela mera maquinaria do corpo”⁽⁶⁾. A física generalizada que Descartes constrói opõe-se ao finalismo da filosofia de Aristóteles e ao constante recurso de apelar, então, para as intenções divinas. Ainda para Burman, ele declara: “Os fins de Deus nos são ocultos, o maior vício de Aristóteles é argumentar sobre os fins [...]. Nunca fomos suficientemente acostumados a considerar as máquinas, e esta é a origem de quase todos os erros em filosofia”.

Acostumar-se a considerar as máquinas... As ruas de Amsterdam deviam deixá-lo realizado! É a época das grandes obras, a idade de ouro do guincho e da polia. Em Westermarkt, ele mora ao lado da grande igreja que acaba de ser construída. Ali por perto, constroem entrepostos, casas residenciais, pontes. As ruas estão sendo pavimentadas. Mais adiante, antigas muralhas são destruídas, os charcos são drenados, palafitas são construídas. Por todo lado a indústria das edificações acrescenta seus instrumentos àqueles empregados pela navegação nos canais lotados, pelo transbordamento de tonéis e caixotes, pela manutenção das mercadorias.

Nenhum país poderia ter sido mais propício à invenção de uma mecânica universal do que este, onde nada é concedido pela Providência, onde tudo é construído pela indústria humana. Se Descartes rejeita a idéia de Providência e o princípio do finalismo, que lugar reserva a Deus? Longe de ser ateu, Descartes faz de Deus tanto a garantia das idéias claras e distintas quanto a primeira causa do movimento. Mas, desde que o primeiro movimento é iniciado, Deus deixa de intervir no desenrolar das coisas. Descartes confessa a Burman que não acha que “Deus possa mudar alguma coisa em função das orações dos homens”, mas que o crê “indiferente em relação a tudo”. Posição mais próxima do protestantismo que do catolicismo. Descar-

tes, certamente, continuou católico por toda a sua vida, apesar dos dissabores que essa fidelidade podia atrair-lhe nos Países Baixos. Mas, como disse a Jacobus Revius, que tentava convertê-lo: “Tenho a religião de minha amade-leite”. Não se poderia representar melhor a separação da fé e da reflexão. Se considerarmos, em contrapartida, o espírito de seu sistema, é possível estimá-lo em afinidade com o calvinismo. Descartes é uma das grandes figuras que marcam o começo dos tempos modernos no que ele sinaliza a dessacralização do mundo humano. Deus retirou-se do mundo. Afirmado metafisicamente, honrado religiosamente, ele deixa ao homem o campo livre num mundo puramente físico, reduzido a partir de então à extensão e ao movimento, entregue à medição e ao trabalho. O sobrenatural é evacuado para fora do mundo. A imensa natureza não passa de maquinaria. Ao reino das correspondências secretas e dos símbolos, sucede o universo da numeração, do cálculo e das trocas.

Essa dessacralização do mundo e do próprio homem, que é o ponto de convergência do cartesianismo e do calvinismo, favorece particularmente o estudo científico do corpo. Descartes, nos Países Baixos, entregou-se longamente à anatomia. Em Amsterdam, ele morou primeiro na Kalverstraat, uma rua de bodegas de açougueiros, o que facilitava seu abastecimento de órgãos para dissecar. Embora a prática da dissecação não fosse proibida nem mesmo na França, ali era considerada prática menos normal, e Descartes mostra-se ansioso por obter a aprovação do Padre Marsenne: “Como dizeis, não é crime a curiosidade pela anatomia, e houve um inverno, em Amsterdam, em que eu ia quase todo dia à loja de um açougueiro para vê-lo matar animais e mandava trazer de lá, para minha casa, as partes que queria anatomizar mais à vontade, coisa que ainda fiz muitas vezes em todos os lugares em que estive, e não creio que nenhum homem sensato poderia condenar-me”⁽⁷⁾. Em Leyde, em 1637, assistiu à dissecação de cadáveres humanos e deve ter sentido mais do que nunca essa implacável dessacralização resultante da redução do corpo à extensão.

A pesquisa científica, para Descartes, destina-se à utilidade prática. O conhecimento do corpo não tem outro objetivo além da medicina e do prolongamento da vida. As noções que adquire na física parecem-lhe dignas de

serem publicadas, pois, em suas palavras, “mostraram-me que é possível alcançar conhecimentos de muita utilidade para a vida, e que, em vez dessa filosofia especulativa que se ensina nas escolas, pode-se chegar a uma prática, por meio da qual, conhecendo a força e as ações do fogo, da água, dos astros, dos céus e de todos os outros corpos que nos cercam, tão distintamente quanto conhecemos os diversos ofícios de nossos artesãos, poderíamos empregar tais conhecimentos do mesmo modo em todos os usos aos quais são próprios, e, assim, tornarmo-nos como que senhores e donos da natureza” (Descartes 4, sexta parte). Por essa recusa da especulação pura, Descartes compartilha da atitude de todo um povo ocupado em dominar a natureza e, ainda nesse ponto, encontra-se em afinidade com a índole local. Sua orientação de espírito concorda com a mentalidade técnica dos Países Baixos. Aliás, é impressionante notar de que maneira elogia, para Guez de Balzac, o clima de Amsterdam. “Pois, se temeis os invernos setentrionais, dissei-me quais sombras, qual abanador, quais fontes poderiam preservar-vos tão perfeitamente das incomodidades do calor, em Roma, quanto uma caldeira e uma grande fogueira vos poupariam, aqui, do frio”. Em outras palavras, a vantagem do clima de Amsterdam é que é possível lutar contra seus inconvenientes! As coisas não são avaliadas pelo que são, mas pelo que se pode fazer delas.

O mundo oferecido como num quadro, mantido diante do olhar como um espetáculo, liberado do sobrenatural, reduzido à extensão, convertido em figuras que se movem segundo uma pura mecânica, tal é o mundo segundo Descartes. Um mundo exposto, estendido para fins de análise, desdobrado, desmontado, para ser novamente remontado, tecnicamente, segundo nossas necessidades. A metáfora do “quadro” se impõe. Descartes a emprega no começo do *Discurso do método*: “Terei a satisfação de mostrar neste discurso quais foram os caminhos que segui e de representar minha vida como que num quadro”. Não há espaço secreto, profundidade oculta, nada é refratário à visibilidade (e, tratando-se da alma, nada é refratário à consciência); tudo está exposto.

E, no entanto, a vida de Descartes dá constantemente a impressão de que se protege. Ele é exatamente o contrário de um homem que se expõe.

Está sempre se retirando, desaparecendo. Deixa os lugares onde é muito conhecido; recomenda a seus amigos que não divulguem seu novo endereço. Por muito tempo, como os verdadeiros solitários, preferiu morar numa cidade grande, porque o campo impõe “um monte de vizinhos que vêm às vezes importunar”. Um isolamento tão determinado levou algumas vezes à suposição de que Descartes dissimulasse um segredo, que talvez fosse rosacruz, ou que fosse huguenote sem querer confessá-lo, quem sabe ateu, ou que escondesse uma conduta libertina. É infinitamente mais verossímil que ele simplesmente quisesse preservar sua tranqüilidade, ou seja, reservasse o maior tempo possível a elaborar sua reflexão e redigir a sua obra. Mais do que um refúgio contra as perseguições, que ele não precisava temer, nem mesmo na França, os Países Baixos lhe ofereciam um abrigo contra uma ameaça mais prosaica, mas não menos essencial a seus olhos: a importunação cotidiana. Por vários motivos, esse país lhe garantia o “descanso” que procurava. Primeiro, a virtude própria de uma sociedade mercantil está em deixar cada um viver a seu modo; assim, sente-se bem em Amsterdam, “na multidão de um grande povo muito ativo e mais preocupado com seus próprios negócios do que curioso da vida alheia” (Descartes 4, fim da terceira parte). Por outro lado, o espírito mercantil tem a vantagem de atrofiar a vida cortesã, enquanto esta, em outros lugares, multiplica as obrigações sociais para ocupar todos os instantes de uma classe desocupada. Esse é um dos pontos que, em sua necessidade se independência, mais o sensibilizam. O que mais teme na França são os “constrangimentos servis aos quais a Corte submete”⁽⁸⁾, assim como todo o sistema das honras esperadas, das vaidades, das quimeras que corrompe “o ar de Paris”. Quanto a ele, sente-se dispensado de dedicar suas obras a Luís XIII ou a Richelieu, e não sente, nos Países Baixos, nenhuma obrigação semelhante (ao dedicar seus *Princípios da filosofia* à princesa Elisabeth, dirige-se a uma amiga, não a um poder estabelecido). Enfim, ele aprecia a ordem que reina nos Países Baixos, “onde a longa duração da guerra fez com que se estabelecesse uma tal ordem, que as guarnições ali mantidas parecem servir apenas a fazer com que se desfrute dos benefícios da paz com ainda maior segurança” (*id., ibid.*, fim da terceira parte). A ordem pública garante a tranqüilidade cotidiana. Não é

fácil, como já vimos, entender bem que tipo de “liberdade” Descartes queria tão furiosamente preservar (já que nem a liberdade de religião nem a liberdade de publicação nunca constituíram, para ele, uma verdadeira preocupação). Mas eis que o sentido dessa noção torna-se mais preciso. “Qual é o outro país em que se pode desfrutar de uma liberdade tão completa, onde se pode dormir com menos preocupação, onde há sempre por perto uma guarda só para nos proteger, onde os envenenamentos, as traições, as calúnias são menos conhecidos, e onde se preservou um resto maior da inocência de nossos antepassados?”⁽⁹⁾. A liberdade que os Países Baixos lhe proporcionam é a proteção da vida individual, a segurança pessoal, o lazer de entregar-se pacificamente a suas próprias ocupações.

Descartes quis obstinadamente proteger uma existência ainda que desprovida de mistério. É dissimulado, mas não tem nada a esconder. Ele se isola, mas para redigir uma obra que vai publicar. Sua solidão, aliás, é relativa: embora fuja dos importunos, acolhe freqüentemente seus amigos e recebe com civilidade numerosos visitantes. Preserva a livre disposição de seu tempo, mas para poder levar uma vida simples, tranqüilamente consagrada à busca da verdade, uma vida transparente como a superfície invisível de um quadro.

Enquanto preparava sua *Vida de Descartes*, que publicaria em 1691, Adrien Baillet escreveu aos raros sobreviventes que tinham conhecido pessoalmente o filósofo. Na Holanda, dirigiu-se principalmente a Johan de Raey, doutor em medicina e professor de filosofia, que se encontrava em Leyde em 1647 e que constava como partidário de Descartes. De Raey, numa única resposta, contentou-se em dizer “que a vida de Descartes era a coisa mais simples do mundo, que os franceses não deveriam mexer nela: iriam estragá-la” (Adam 1, p. V). Consideremos essa recomendação e arrisquemos, contudo, uma última observação. A simplicidade da vida de Descartes não é inata, é adquirida. Seus anos de juventude foram aventurosos. Trata-se de uma simplicidade conquistada. Não poderíamos, aqui também, descobrir uma afinidade profunda com o espírito do país em que escolheu viver? Hegel interrogou-se sobre o sentido da “simplicidade” holandesa na pintura do século XVII. Por que essa predileção pelos campones-

ses tranqüilos, os lugares familiares, os gestos cotidianos, as cenas banais, os objetos usuais? Essas manifestações ordinárias da vida são justamente o que os holandeses devem ter conseguido com esforços ferozes contra a natureza e com longos combates contra o opressor. Para Descartes, como para seus hospedeiros holandeses, a simplicidade do cotidiano não é a chaticice da insignificância, mas o resultado de um triunfo e a expressão de uma reapropriação de si. Ao buscar a simplicidade da vida privada, como ao conceber um universo regido por uma pura mecânica, em afinidade com seu país de adoção, anuncia a prosa do mundo e da vida que caracteriza os tempos modernos.

Abstract: Descartes was enchanted by the way of life of the Dutch. In the same way as Dutch genre paintings puzzled Hegel with their seeming 'simplicity', the French philosopher found a kind of 'simplicity' in everyday life in the Netherlands that seemed to confirm the triumph of freedom as the truth of the simple laws that rule the universe, a sort of mechanical image of the world that seems to be the main feature of modern times.

Key-words: Descartes – Netherlands – mechanism

Notas

- (1) *Carta de Arthur Rimbaud a Paul Demeny, 15 de maio de 1871.*
- (2) *Carta de Descartes a Chanut, maio de 1648.*
- (3) *Carta de Descartes a Elisabeth, 10 de maio de 1647.*
- (4) *Carta de Descartes a Elisabeth, fim de junho, começo de julho de 1648.*
- (5) *"Desculpai-me por escrever tão mal em holandês." Carta de Descartes a G. Brandt, 18 de julho de 1643 (Descartes 3, Vol. IV, p. 17-8).*
- (6) *Carta de Descartes a Henri Moore, 15 de abril de 1649.*
- (7) *Carta de Descartes a Mersenne, 13 de novembro de 1639.*
- (8) *Carta de Descartes a Balzac, 5 de maio de 1631.*
- (9) *Carta de Descartes a Balzac, 5 de maio de 1631.*

Referências Bibliográficas

1. ADAM, C. *Descartes: sa vie et son oeuvre*. Paris, Bovin, 1937.
2. DERRIDA, J. "Cogito et histoire de la folie". In: *L'écriture et la différence*. Paris, Seuil, 1967.
3. DESCARTES, R. *Œuvres de Descartes*. 11 vols. Ed. de C. Adam & P. Tannery. Paris, J. Vrin, 1996.
4. _____. *Discours de la méthode*.
5. VALÉRY, P. "Le retour de Hollande". In: *Variété*. Études philosophiques.
6. ZUMTHOR, P. *La vie quotidienne em Hollande au temps de Rembrandt*. Paris, Hachette, 1959.